



# 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: "40 anos da "Virada" do Serviço Social"

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

---

Eixo: Movimentos Sociais e Serviço Social.

## MULHERES GUERREIRAS: O MOVIMENTO DE MÃES DO DEGASE

Ida Cristina Rebello Motta<sup>1</sup>

**Resumo:** O estudo apresenta uma análise do processo organizativo do Movimento de Mães dos Meninos do DEGASE, as ações e os desdobramentos junto à política de atendimento socioeducativo para as famílias, nos tempos atuais, e a articulação desse movimento com o Departamento Geral e demais órgãos do Sistema de Garantia de Direitos, visando o enfrentamento das situações adversas em relação aos seus filhos.

**Palavras-chave:** Movimento de mães; DEGASE; Famílias.

O presente trabalho tem como base o estudo<sup>2</sup> desenvolvido, ao longo do ano de 2017, pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social da Universidade Federal Fluminense, sobre o Movimento de Mães dos Meninos do DEGASE.

A pesquisa realizada pretendeu analisar como estes sujeitos sociais – Mães – encontravam-se organizados para o enfrentamento das situações adversas em relação aos seus filhos, atendidos pelo DEGASE, dentro do Estado do Rio de Janeiro. Buscou-se entender como o desdobramento desse movimento repercutiu em outras ações desenvolvidas, principalmente aquelas que envolvem as famílias acompanhadas pela Política de Atendimento Socioeducativo desenvolvida por esse Departamento Geral.

Importante entender que, nos anos 2000, iniciou-se o processo de organização de algumas mães a partir do sistema socioeducativo do Estado do Rio de Janeiro, pautado nas denúncias de maus-tratos que seus filhos vivenciavam e na luta pela melhoria das condições de atendimento desses adolescentes que estavam privados de liberdade (LIRA, 2004). Era um contexto de implantação de novos paradigmas, norteados por marcos legais, como o Estatuto da Criança e do Adolescente, a garantia dos direitos humanos e a

---

<sup>1</sup> Estudante de Pós-Graduação. Departamento Geral de Ações Socioeducativas do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: <idamotta7cas@hotmail.com>.

<sup>2</sup> Dissertação aprovada pela banca examinadora em 29/11/2017 e concedendo o título de Mestre em Política Social pela UFF, para esta autora. Pesquisa também aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos sob parecer nº 2.346.901. Não identificamos a dissertação, assim como a não relacionamos nas referências, considerando as regras de não identificação de autoria do presente trabalho.

Doutrina da Proteção Integral estavam sendo apregoadas. Surgiram, na época, a Associação de Mães com Filhos em Conflito com a Lei – AMÃES, o Movimento de Mães pela Garantia dos Direitos dos Adolescentes no Sistema Socioeducativo – Movimento Moleque e, posteriormente, a implantação da Associação de Mães e Amigos da Criança e do Adolescente em Risco – AMAR, no Rio de Janeiro. O contexto político propiciou e estimulou a organização desses variados grupos de resistência que tiveram na mulher, na figura materna, o elo para luta de seus direitos, configurando a politização da maternidade, intitulado por Freitas (2000) como Mães em Luta.

A abordagem teórica adotada propiciou o entendimento da categoria maternidade como eixo central do mesmo, cabendo analisá-la a partir de dois conceitos abordados: identidade e gênero. Identificou-se, no debate teórico dos movimentos sociais, e, conseqüentemente o Movimento Feminista e o Movimento de Mulheres, a motivação para implantação do Movimento das Mães dos Meninos do DEGASE. Percebemos essas mães como sujeitos sociais que estabelecem suas identidades e ocupam espaços na sociedade, sendo a maternidade o grande elo da rede de significados (GEERTZ, 1989). Buscou-se, na filosofia de Badinter (1985), o suporte para a discussão polêmica sobre o amor materno, isto é, seria ele – o amor materno – inerente a figura feminina? Trabalhou-se com os conceitos de “maternidade partilhada”, apontada por Freitas (2010, p. 24), e de “circulação de crianças”, adotado por Fonseca (2002, p. 14), visando entender um pouco mais a realidade dessas mulheres – Mães dos Meninos do DEGASE. Trabalhou-se também com a história das mulheres do ocidente, de Perrot (1999), na busca dos espaços públicos e na construção de uma consciência de gênero. Assim como a abordagem de Scott (1990) em teorizar gênero, consideramos que estudar o movimento de organização dessas mulheres implica necessariamente na discussão de papéis masculinos e femininos na sociedade. Lançou-se mão dos conceitos de identidade de Castells (1999) e de Hall (2006), visando entender o processo de organização dessas mulheres. Utilizou-se o conceito de Movimentos Sociais de Gohn (1997), como, também, uma breve abordagem da história do Movimento Feminista, relacionando a importância desse para o Movimento de Mulheres.

O estudo objetivou verificar, após dezesseis anos de implantação do Movimento de Mães, como estava sendo processado, nos tempos atuais (2017),

o movimento de organização dessas Mães junto à Política de Atendimento Socioeducativo que vem sendo desenvolvida, identificando a articulação desse Movimento de Mães não só com o Degase, mas com os demais órgãos do Sistema de Garantia de Direitos (SGD), e, por fim, analisar se esses movimentos organizativos desempenhavam algum controle social junto à Política de Atendimento Socioeducativo no Estado do Rio de Janeiro.

Identificou-se a metodologia qualitativa como a melhor forma para trilhar o caminho da pesquisa, tendo em vista que permitiu aprofundar a compreensão do objeto de estudo – o Movimento de Mães dos Meninos do DEGASE – a partir de seu contexto social e de acordo com a perspectiva das próprias participantes do movimento de mães, sem, contudo, mascarar a interpretação e considerações presentes em todo processo, na condição de pesquisadora. Um fator relevante, nesse sentido, foi o contato direto e prolongado com o campo de estudo, o que propiciou a observação e captação dos significados inerentes ao objeto de estudo. Entretanto, ao privilegiar a abordagem qualitativa, não significou desprezar os dados quantitativos que serviram como base para a pesquisa.

O estudo etnográfico apresentou elementos significativos, que fortaleceram a inserção no campo de pesquisa, trabalhando com o relato etnográfico como forma de aproximação desse campo. Estar na condição de estrangeiro no campo do objeto de estudo e fazer uso do relato etnográfico sobre o mesmo compõe a relação de proximidade e distanciamento necessários, estabelecida por Simmel (1983) – a pesquisadora e o campo do objeto de estudo. Encontrou-se, na etnografia, uma importante dimensão metodológica, que, além de propiciar a aproximação com o campo de pesquisa na condição de pesquisadora, permitiu o detalhamento intenso e reflexivo da realidade encontrada.

Verificou-se que a perspectiva da metodologia da história oral seria o caminho para construirmos o estudo, tomando por base a oralidade desses sujeitos, a fala dessas mulheres, escutando as histórias dessas mães, suas narrativas, de forma a reconstituir o processo de organização do Movimento de Mães dos Meninos do DEGASE. Portanto, são ações que ultrapassam o recorte objetivo, concreto, palpável, de simples coleta de dados, que entra pela subjetividade, pelas entrelinhas do que é observável ou explicitado pela narrativa

dessas mulheres. Entendeu-se a história oral como a metodologia que permitiu que essas mulheres pudessem contar suas histórias de organização, expusessem as dificuldades encontradas, narrassem suas experiências de construção, enquanto Movimento de Mães e a partir de suas memórias coletivas, do ponto de vista desses movimentos organizativos, de acordo com Halbwachs (2006). Walter Benjamin (1994), naquela época, já afirmava que a arte de narrar estava em vias da extinção, que raramente encontrávamos pessoas que efetivamente soubessem narrar, que a narração nos facultava intercambiar experiências. Muitas histórias foram construídas desde a implantação do Movimento de Mães e o registro dessas histórias não se encontrava na pesquisa documental que foi realizada e sim na memória dessas mães que se organizaram, que atuaram e atuam nesse movimento até os tempos atuais. É dessa fonte oral que se alimentou para realizar o estudo. Assim, visando construir a história oral desse movimento e entender esse algo que vai além das palavras escritas, conforme Calvino (2006), estruturou-se um roteiro de entrevistas que foi aplicado às representantes dos movimentos organizativos. Totalizou-se o número de quatro entrevistas: uma representante do Movimento Moleque e três representantes da AMAR RJ, considerando que não foi possível agendar com outros representantes do Movimento Moleque na ocasião da realização das entrevistas. Em relação à AMÃES, foi informado, pelas representantes das demais entidades, que a mesma foi desativada, migrando parte de suas representantes para a outra entidade (AMAR RJ). O roteiro de entrevista foi composto por perguntas que propiciaram o acesso ao conhecimento sobre a organização desses movimentos, as possíveis ações desenvolvidas, as articulações ou não com o Departamento Geral de Ações Socioeducativas e os demais órgãos do Sistema de Garantia de Direitos e, por fim, o controle social exercido por esses movimentos organizativos junto à Política de Atendimento Socioeducativo. Com base em Bonetti e Fleischer (2007), utilizou-se o diário de campo como uma importante ferramenta, como principal fonte sobre as experiências do campo, a fim de registrarmos os dados mais descritivos observados, assim como as impressões subjetivas pertinentes ao olhar da pesquisadora, quando da realização das entrevistas.

As histórias contadas e vividas pelas representantes do Movimento de Mães permitiram tecer algumas análises, além de propiciar um resgate do

processo de construção do movimento. Tal resgate só foi possível a partir da memória coletiva por parte de interlocutoras que fundaram o movimento, podendo ser narrada a história de organização do movimento a partir de suas visões enquanto grupo, e, assim, permitindo entender as dificuldades encontradas para manutenção desse grupo organizativo até os tempos atuais.

Dessa forma, destaca-se, no presente trabalho, a transcrição de algumas narrativas que levam a constatações sobre como esses grupos iniciaram suas ações dentro do sistema socioeducativo. Ressalta-se que todas as representantes entrevistadas desejaram ser identificadas da forma como são apresentadas e autorizaram a transcrição de suas narrativas:

Quando foi na terceira entrada do R.S.C. eu lembro que um agente... E aí ele me apresentou o Estatuto da Criança e do Adolescente. Ele na época era agente socioeducativo do ESE que é o famoso Educandário Santo Expedito, que é o terror desse sistema até hoje... E aí a gente foi indo assim. Primeiro era um par, eu e ele (agente socioeducativo) nessa troca sobre o Estatuto (ECA), aí eu comecei a perceber - a necessidade de falar isso para outras mães. Eu não sei porquê... eu sempre ficava na fila e ... eu via elas falando, as mães e os familiares muito assim...elas tinham uma fala ali naquela fila, quando eu ficava junto com elas, que era falando de outros filhos que estavam dentro do sistema penal, elas falando da vida dentro de casa, elas falando daquela semana que tinham passado até aquele dia chegar, enfim...e eu ficava assim meio que boiando porque essa não era a minha realidade, eu não tinha outros familiares dentro de sistema nenhum, aquela era a minha primeira vez a ter um filho numa situação dessa... é... eu não tinha histórias pra contar de favela porque eu nunca morei na favela, não nasci na favela, não tenho a menor ideia. Até eu ser acometida nessa situação, não no ESE, sem estar com um filho nesse sistema, então assim, eu não tinha muito assuntos para falar com aquelas pessoas da fila então eu acho que foi por isso, que eu não tinha muito como dialogar com elas, que eu resolvi mostrar o Estatuto que o rapaz (agente socioeducativo) estava mostrando para mim, mostrar para elas. E foi daí que o Movimento Moleque começou a nascer, mas não que eu estava entendendo isso (Mônica Cunha<sup>3</sup>, julho de 2017).

Havia sido criada a Secretaria de Direitos Humanos e alguns dessa secretaria estava visitando o ESE. Era festa do dia das Mães! E aí, um agente (não recordo o nome!) pegou o microfone e falou que tinha uma mãe que atuava ali dentro do ESE e que a Secretária tinha que escutar. Aí eu fui falar. Aí nisso ele, o I. (da secretaria), se comprometeu a fazer eu conhecer a R.S. que estava com um filho, lá no EJLA e também fazia o mesmo trabalho, só que a gente não se conhecia. E aí teve um encontro lá na Lapa, eu e R. E aí a gente se comprometeu: eu fiquei com a responsabilidade de visitar todas as unidades e colher mãe que quisesse fazer esse trabalho. Nessa época a direção que estava no DEGASE abriu as portas das Unidades (Valéria<sup>4</sup>, julho de 2017).

---

<sup>3</sup> Entrevista realizada com Mônica Cunha uma representante do Movimento Moleque, uma das entidades que compõem o Movimento das Mães dos Meninos do Degase, na pesquisa desenvolvida. Rio de Janeiro, julho de 2017.

<sup>4</sup> Entrevista realizada com Valéria uma representante da AMAR RJ, uma das entidades que compõem o Movimento das Mães dos Meninos do Degase, na pesquisa desenvolvida. Rio de Janeiro, julho de 2017.

Essas narrativas resgatam a memória coletiva do grupo e confirmam o histórico de que os grupos organizativos do Movimento de Mães surgiram inicialmente com ações pontuais nas diversas unidades de privação de liberdade, lideradas por diferentes mães que possuíam seus filhos nessas respectivas unidades. Posteriormente, o movimento foi se adensando com a articulação entre essas lideranças, formatando-se os grupos organizativos do Movimento de Mães. Consideramos alguns fatores importantes nesta composição dos grupos: a capacidade de articulação de cada representante, possuindo, algumas delas, um perfil mais político; a proposta a ser desenvolvida e, conseqüentemente, o objetivo de atuação desses grupos. Importante ressaltar que a conjuntura daquela época propiciou um nível de interferência na política de atendimento socioeducativo, considerando que os diversos atores envolvidos no sistema de garantia dos direitos tiveram que dialogar por ações de resistência dos movimentos sociais ligados à proteção da criança e do adolescente (MOREIRA, 2015). Outro dado importante é que o Estado do Rio de Janeiro havia vivenciado históricos de massacre de crianças e adolescentes na década de 1990<sup>5</sup>.

É relevante destacar o contexto institucional em que esses grupos foram implantados: a gestão do DEGASE por um agente socioeducador<sup>6</sup> que possuía uma trajetória voltada para o Movimento de Meninos e Meninas de Rua “tinha pretensões de gerenciar o sistema socioeducativo retomando a lógica dos CRIAMs<sup>7</sup> do final dos anos de 1980” (MOREIRA, Celeste, 2015, p. 07).

Transcreve-se, ainda, trechos das narrativas que apontam as ações e projetos desenvolvidos por esses grupos organizativos, visando propiciar o entendimento de como esse Movimento de Mães se apresenta no contexto de realização da pesquisa desenvolvida:

Hoje o maior foco são os familiares de adolescente autor de ato infracional, só que nós temos dois recortes. Um recorte racial profundamente, que essas famílias, como já falei no início, são famílias negras, monoparentais porque é por uma pessoa que é uma mulher, essa mulher negra. Então tem esse recorte racial grande e tem hoje também o recorte, dos jovens, adolescentes e jovens que tão sendo assassinados (Mônica Cunha, julho de 2017).

---

<sup>5</sup> Chacina da Candelária, em 1993, e Chacina de Acari, em 1990.

<sup>6</sup> Sidney Teles, em 2002.

<sup>7</sup> Centros de Recursos Integrados de Atendimento ao Menor – (CRIAM).

A AMAR já teve num estágio muito avançado... nós tínhamos curso de costura aqui. Aqui na sede mesmo... Costureira...o espaço apresentável... aí eu tive uma depressão... através desse trabalho com famílias. Uma decepção muito grande que eu tive. E aí eu não só me afastei das Unidades como me afastei também do espaço. E aí agora nesse momento, vem a P. (liderança do Morro da Providência) e eu retorno chamando a Glória. Nissa, mamãe que...ela estava muito pra baixo... eu pego ela na porta do Padre Severino... ela se une a gente. Nissa é mais recente. E aí está se iniciando de novo. É, retomando a história do curso de costura aqui na sede e eu estou criando forças, para refazer de novo a cartilha porque isso é um troféu que eu tenho, aquela cartilha. Essa cartilha foi... ficou muito marcada na minha vida. Foi uma cartilha feita em parceria com o CEDECA, a AMAR. À princípio, aquela cartilha eu digitava ela e imprimia em folhas. Como a gente sempre teve o apoio do P., sempre me acompanhou... o P. era da São Martinho. Agora ele é do CEDECA. Aí a entidade compra a ideia. Essa cartilha foi feita em dois mil e quinze (2015). Fizemos uma condensação dela e que foi essa que foi impressa recentemente... poucas tiragens... para gente poder fazer o trabalho... para fazermos o trabalho com as famílias no GCA, no Criaad Bangu, na porta dos fóruns (Valéria, agosto de 2017).

Eu gosto muito de estar dentro da AMAR, eu queria botar esses projetos para funcionar. Os projetos de costura porque a gente pretende trazer algumas mães para ensinar elas a modelar, costurar, para elas poderem ter alguma renda também. Tem também artesanato porque eu acho que quando elas ocupam o tempo delas com alguma coisa e estão juntas de outras mulheres, isso aí desenvolve a mente delas, traz mais fortalecimento. Mas eu não quero ficar só aqui dentro, na AMAR, presa aqui não. Eu ainda quero voltar para dentro das Unidades porque eu gosto de trabalhar dentro das Unidades também. Eu gosto de entrar, de conversar com os meninos, eu gosto de conversar com eles, eu gosto de saber porque eles estão insistindo em estar ali e mostrar para eles o que já passei, o que os meus já passaram, eu tenho uma história que eu quero passar para eles: "olha, meu filho já passou por aqui" - e eu quero passar para eles. Que tudo aquilo que eles tão vivendo, que essas ilusões que estão na vida deles é tudo passageiro, e mais, que pode acabar com eles, com a vida deles e é uma escolha que eles têm que olhar (Glória<sup>8</sup>, julho de 2017).

A ideia agora é investir um pouco nas escolas. Fazer a prevenção. Levar assim, para esses meninos... porque a palavra deles, é assim: "nada vai acontecer comigo, sou de menor". Então eles acham... na cabeça deles eles acham que por eles serem de menor, nada vai acontecer. Vai passar uma noite na delegacia, no dia seguinte estão em casa, não é assim que funciona, a gente vê que não é assim que funciona. E essa uma noite na delegacia... nossa... isso pode... isso pode vir a acarretar uma modificação de vidas, do jeito deles pensarem, porque não é uma noite de lazer dentro de uma delegacia. Eles ficam num lugar pequeno, úmido, com fome e às vezes sofrem até agressão física lá dentro e fora a agressão verbal (Nissa<sup>9</sup>, julho de 2017).

Conclui-se que o Movimento de Mães, que nasce a partir da iniciativa de algumas mães, hoje se configura de forma diferenciada em sua composição enquanto grupo, apresentando antigas militantes que implantaram esse movimento, como também novas mães que se somaram a esses grupos ao longo do tempo. Importante observar que, ao falarmos das militantes que implantaram o movimento, devemos destacar dois aspectos importantes:

<sup>8</sup> Entrevista realizada com Glória, uma representante da AMAR RJ, uma das entidades que compõem o Movimento das Mães dos Meninos do Degase, na pesquisa desenvolvida. Rio de Janeiro, julho de 2017.

<sup>9</sup> Entrevista realizada com Nissa uma representante da AMAR RJ, uma das entidades que compõem o Movimento das Mães dos Meninos do Degase, na pesquisa desenvolvida. Rio de Janeiro, julho de 2017.

primeiro, o tempo decorrido entre a implantação e o momento atual, perfazendo cerca de dezesseis anos no caso da representante da AMAR/RJ e quatorze anos a do Movimento MOLEQUE; segundo, e mais tênue, é que o principal motivo que provocou o processo de organização dessas mães foi os filhos que estiveram no sistema socioeducativo e que foram assassinados há cerca de dez anos – o que nos levaria a concluir que, hipoteticamente, não haveria mais motivos óbvios ou razão plausível, para que essas representantes ainda permanecessem por esse longo período no processo de resistência política. Dessa forma, identificou-se a AMAR/RJ e o Movimento MOLEQUE como os grupos de resistência que ainda são referências do Movimento de Mães dos Meninos do DEGASE. Apresentam características diferenciadas, bem como vínculos políticos também diferenciados. Ambos com um perfil de grande articulação política e estreitamente próximos a outros órgãos que compõem o Sistema de Garantia de Direitos, como o Ministério Público, a Defensoria Pública, o Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente (CEDCA), entre outros. Pode-se afirmar, por outras narrativas colhidas, que ambos possuem um vínculo com o DEGASE, contudo, passando pelo viés pessoal das representantes antigas. Não há canais nem fóruns sistemáticos instituídos visando o fluxo de informações entre as representantes dos grupos e o corpo dirigente do Departamento. Quanto ao papel de controle social da política socioeducativa, verificamos que ambos os grupos acompanham os fóruns oficiais do CEDCA e que um deles, o Movimento MOLEQUE, tem assento nesse Conselho Estadual. Portanto, concluiu-se que, apesar de inserções diferenciadas junto ao conselho de direito, a AMAR RJ e o Movimento MOLEQUE garantem algum nível de participação social nas instâncias de deliberação da política estadual socioeducativa.

Muitas histórias foram colhidas tendo como referência as entrevistas desenvolvidas: conhecemos as “Mulheres Guerreiras” do Movimento de Mães dos Meninos do Degase, com base em suas falas e narrativas, bem como a memória coletiva desses grupos de mães, a partir desse lugar dos movimentos organizativos. São “Mônicas”, “Nissas”, “Glórias”, “Valérias”, cada qual com sua história de vida e de inserção no Movimento de Mães e com muito em comum: a luta por seus filhos, a dor por suas perdas e a força e garra pela vida. Verdadeiras, Mulheres Guerreiras!

## Referências

- BADINTER, Elisabeth. **Um Amor conquistado**: o mito do amor materno; tradução de Waltensir Dutra. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BENJAMIM, Walter. **Obras Escolhidas I**: Magia e técnica, arte e política, 7ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BONETTI, Aline; FLEISCHER, Soraya. “Diário de campo: (Sempre) um experimento etnográfico-literário?” (Org. Alinne Schuch e Soraya Fleischer), **Entre saias justas e jogos de cintura**. Florianópolis, Ed. Mulheres: Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.
- CALVINO, Ítalo. A palavra escrita e a não-escrita (org. Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado). **Usos & Abusos da História oral** - 8ª edição - Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**, São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- FONSECA, Cláudia. **Mãe é uma só?** Reflexões em torno de alguns casos brasileiros, Revista Psicologia USP, vol. 13, n 2, São Paulo, 2002.
- FREITAS, Rita de Cássia Santos. **Mães de Acari preparando a tinta e revirando a praça: um estudo sobre mães que lutam**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Doutorado em Serviço Social/UFRJ. Rio de Janeiro: 2000.
- \_\_\_\_\_, Rita de Cássia Santos et al. Famílias e Serviço social – Algumas Reflexões para o Debate (org. Marco José de Oliveira Duarte e Mônica Maria Torres de Alencar). **Família e Famílias: Práticas Sociais e Conversações Contemporâneas**, Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2010.
- GEERTZ, Cliford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura, **A interpretação das culturas**, Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.
- GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais paradigmas Clássicos e contemporâneos**, São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**, São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaraeira Lopes Louro – 11ª edição - Rio de Janeiro: DP&A ed., 2006.
- LIRA, Vilnia Batista de. **Mães em luta**: a experiência do movimento de mães com filhos em conflito com a lei. Niterói 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Escola de Serviço Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói 2004.

MOREIRA, Celeste Anunciata B. D. **A construção de um Sistema Socioeducativo no Rio de Janeiro e as lutas sociais**. Trabalho apresentado no XXVIII Simpósio Nacional de História. Santa Catarina, Florianópolis, julho de 2015.

PERROT, Michelle. **“Sair”, História das Mulheres no Ocidente**, (org.: Michelle Perrot e Georges Duby), Porto: Ed. Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1999.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação & Realidade**. Porto Alegre, jul/dez, 1990.

SIMMEL, Georg. **Sociologia**. São Paulo:1983.